



AVALIAÇÃO DE PRECONCEITO SEXUAL E DE GÊNERO EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

Assessment of Sexual and Gender Bias in Psychology Students

Evaluación del Prejuicio Sexual y de Género en Estudiantes de Psicología

Felipe Augusto Monteiro Cravo¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5572-4239>

E-mail: felipeamcravo@gmail.com

Ana Claudia Moreira Almeida-Verdu²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5202-0263>

E-mail: ana.verdu@unesp.br

Resumo: Preconceito sexual e de gênero (PSG) consiste em um conjunto de práticas sociais discriminatórias contra pessoas LGBTQIAPN+. Formas explícitas e implícitas de medir preconceito têm sido documentadas na literatura, sobretudo avaliando estudantes universitárias/os. Porém, vê-se uma lacuna em especificar a avaliação de estudantes de Psicologia, uma vez que esta é uma ciência e profissão que trabalha de forma incisiva com tais questões. Este estudo avaliou o preconceito sexual e de gênero contra gays e lésbicas em estudantes de Psicologia em uma universidade do interior do estado de São Paulo. Participaram 115 estudantes (72 femininas, 39 masculinos e 3 não-binários; idade média 23 anos) que responderam a um questionário sociodemográfico e a Escala Multidimensional de Preconceito Sexual (EMPS). Esta escala avalia cinco fatores relacionados ao PSG. Os resultados indicaram que pessoas heterossexuais e com crenças religiosas apresentam escores indicativos de PSG. Um dos fatores da EMPS “crenças positivas sobre a homossexualidade” é questionado e revisto como uma forma de preconceito sutil/moderno. Discute-se a pertinência de futuras pesquisas para acompanhar a formação em Psicologia em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e as Resoluções do Conselho Federal de Psicologia (CFP) acerca do combate ao preconceito.

¹ Universidade de Sorocaba (Uniso). Sorocaba, SP, Brasil.

² Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Faculdade de Ciências de Bauru (UNESP). Bauru, SP, Brasil.

Palavras-chave: preconceito; LGBTQIAPN+; estudantes universitários.

Abstract: Sexual and gender prejudice (SGP) consists of a set of discriminatory social practices against LGBTQIAPN+ individuals. Explicit and implicit forms of measuring prejudice have been documented in the literature, primarily evaluating university students. However, there is a gap in specifying the assessment of Psychology students, as this is a science and profession that works incisively with such issues. This study assessed sexual and gender prejudice against gays and lesbians in Psychology students at a university in the interior of the state of São Paulo. A total of 115 students participated (72 female, 39 male, and 3 non-binary; average age 23 years) who answered a sociodemographic questionnaire and the Multidimensional Scale of Sexual Prejudice (EMPS). This scale assesses five factors related to SGP. The results indicated that heterosexual individuals and those with religious beliefs presented scores indicative of SGP. One of the EMPS factors, "positive beliefs about homosexuality," is questioned and revised as a form of subtle/modern prejudice. The relevance of future research is discussed to monitor Psychology training following the National Curricular Guidelines (DCNs) and the Resolutions of the Federal Council of Psychology (CFP) regarding combating prejudice.

Keywords: prejudice; LGBTQIAPN+; university students.

Resumen: El prejuicio sexual y de género (PSG) consiste en un conjunto de prácticas sociales discriminatorias contra personas LGBTQIAPN+. Se han documentado en la literatura formas explícitas e implícitas de medir el prejuicio, evaluando principalmente a estudiantes universitarios. Sin embargo, se observa una laguna en especificar la evaluación de los estudiantes de Psicología, ya que esta es una ciencia y profesión que trabaja de manera incisiva con tales cuestiones. Este estudio evaluó el prejuicio sexual y de género contra gays y lesbianas en estudiantes de Psicología en una universidad del interior del estado de São Paulo. Participaron 115 estudiantes (72 femeninas, 39 masculinos y 3 no-binarios; edad media de 23 años) que respondieron a un cuestionario sociodemográfico y a la Escala Multidimensional de Prejuicio Sexual (EMPS). Esta escala evalúa cinco factores relacionados con el PSG. Los resultados indicaron que las personas heterosexuales y con creencias religiosas presentaron puntuaciones indicativas de PSG. Uno de los factores de la EMPS, "creencias positivas sobre la homosexualidad," se cuestiona y revisa como una forma de prejuicio sutil/moderno. Se discute la pertinencia de futuras investigaciones para seguir la formación en Psicología de acuerdo con las Directrices Curriculares Nacionales (DCNs) y las Resoluciones del Consejo Federal de Psicología (CFP) sobre el combate al prejuicio.

Palabras clave: prejuicio; LGBTQIAPN+; estudiantes universitarios.

1 INTRODUÇÃO

A homofobia e a LGBTfobia são descritas como uma forma de preconceito sexual contra pessoas, símbolos e características contrárias às concepções hegemônicas de sexualidade (Herek, 2000; Costa; Nardi, 2015). No Brasil, Costa *et al.* (2013) identificaram que o preconceito sexual está relacionado ao sexismo e às normas de gênero, desta forma, os autores indicam a utilização do termo preconceito sexual e de gênero (PSG). Ao tratar este fenômeno como preconceito, e não como uma forma de "fobia", isto é, um medo exacerbado orientado a algo/alguém, pretende-se destacar tanto os comportamentos individuais contra a comunidade LGBTQIAPN+³, quanto o sistema ideológico sócio-histórico que condiciona a legitimidade e a valorização da cisheterossexualidade como única possibilidade de experiência de gênero e sexualidade (Herek; Mclemore, 2013; Costa *et al.*, 2013; Borrillo 2016). A alienação produzida pela ideologia cisheterossexista impõe um sistema sexo-gênero-desejo a todas as pessoas de forma linear e essencialista. Este sistema normativo inviabiliza a legitimidade e a valorização social de pessoas que não correspondam à norma estabelecida (Butler, 2015; Louro, 1997).

A história do Ocidente é marcada por práticas violentas contra pessoas que não sejam lidas como cisheterossexuais (Prado; Machado, 2012). Seja por meio do pecado de sodomia, dos crimes contra moral e bons costumes ou uma patologia dos nervos (Foucault, 2011), diversas instituições sociais encarregaram-se, e ainda se encarregam, em estabelecer contingências sociais preconceituosas (Saxe, 2021; Rosa, 2020). A formulação verbal de tais contingências estabelecem as normas para as experiências de gêneros e sexualidades, atribuindo a pessoas, comunidades, símbolos e práticas não hegemônicas atributos negativos. Além disso, a norma sexual e de gênero prescreve, de forma explícita e implicitamente, comportamentos e políticas repressivas na direção do aniquilamento das diferenças (CFP, 2019).

Nos últimos cinquenta anos tem se visto progredir a luta afirmativa da comunidade LGBTQIAPN+ na resistência contra as violências sociais (Borrillo, 2016; Quinalha, 2022). Nesses entraves sociopolíticos, toma-se o preconceito como fenômeno que deve ser modificado para viabilização da existência de pessoas LGBTQIAPN+. Mesmo assim, a partir de dados oficiais, ainda que subnotificados, identificam-se consideráveis números de ocorrências de violências contra pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil (Brasil, 2018, 2022).

Desde o início dos estudos sobre preconceito (e.g., racial, étnico, de gênero) na primeira metade do século XX, acompanham-se as modificações nas características formais de suas manifestações (Myers, 2014). Desta forma, expressões explícitas de preconceito, como comentários racistas e sexistas, têm recebido maior reprovação

³ LGBTQIAPN+ é um acrônimo que se refere a pessoas lésbicas, gays, transsexuais, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binárias e + (mais) tantas quantas forem as possibilidades de experiências sexuais e de gênero que possam existir.

social; o que não indica que tais comentários não existam! As modificações nas contingências sociais tornaram mais restritos os ambientes nos quais comentários explicitamente preconceituosos possam ser proferidos. Neste contexto, formas mais sutis e modernas de preconceito surgiram. Por meio de microagressões, ou seja, comunicações ofensivas, como piadas, ou sutis como insinuações e invalidações, contra grupos vulneráveis estruturam as formas implícitas e modernas de preconceito (Nadal *et al.*, 2016).

Existem múltiplas formas de avaliar preconceitos, e diversas metodologias de pesquisa devem ser utilizadas para verificar as relações microssociais e macrossociais que compõem este fenômeno (Cravo; Verdaramis, 2023), bem como seus aspectos tradicionais e modernos (Correll *et al.*, 2010). Em geral, instrumentos como inventários, escalas *Likert* e entrevistas são sensíveis para formas explícitas e tradicionais (*old-fashion*) de preconceito. Atualmente, também existem instrumentos como IAT (*Implicit Association Test*) e IRAP (*Implicit Relational Assessment Procedure*) sensíveis a formas sutis e implícitas de preconceito (Olson, 2009).

Dentre o público avaliado sobre PSG, pessoas universitárias têm recebido significativa atenção ainda que os dados coletados com esta população sejam pouco generalizáveis (Gaspodini; Falcke, 2019; Cravo; Verdaramis, 2023). De modo geral, tem-se identificado a relação entre PSG e pessoas autoidentificadas como masculinas (Costa *et al.*, 2015; Gusmão *et al.*, 2016; Badenes-Ribera *et al.*, 2016; Nieto-Gutiérrez *et al.*, 2019; Freires *et al.*, 2019; Hernández *et al.*, 2020;), pessoas com altos escores de valores sociais conservadores e religiosos (Costa *et al.*, 2015; Gusmão *et al.*, 2016; Nieto-Gutiérrez *et al.*, 2019; Hernandez *et al.*, 2020) e estudantes de ciências exatas (Santos; Santos, 2022). Nas recentes revisões de literatura sobre PSG no Brasil nenhuma pesquisa recuperada e analisada especificou a avaliação de PSG em estudantes de Psicologia (Gaspodini; Falcke, 2019; Cravo; Verdaramis, 2023).

Tendo em vista que a Psicologia é frequentemente solicitada a refletir e trabalhar com questões relativas à sexualidade e gênero, compreender as características do PSG em seus estudantes pode fornecer subsídios para aprimorar a formação da/o psicóloga/o. A preocupação sobre a formação desta categoria se deve, sobretudo, aos resultados das pesquisas de Gaspodini e Falcke (2018) e Vezzosi *et al.* (2019) em que se identificou escores significativos de PSG, e crenças patologizantes sobre sexualidades e gêneros em profissionais da Psicologia. Crenças e atitudes preconceituosas ou corretivas (e.g., terapias de conversão) são contrárias às normativas do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2023). Além disso, tratamentos de conversão são anticientíficos, ineficazes e violam os Direitos Humanos. De acordo com o relatório da APA (*American Psychology Association*) as vítimas de práticas pseudo-psicoterapêuticas preconceituosas possuem maiores índices de adoecimento psicológico e probabilidade de suicídios (APA, 2009).

Em síntese, a presença de PSG na sociedade brasileira ainda é frequente, desta forma, avaliar as variáveis sociodemográficas e as formas explícitas e implícitas deste fenômeno devem subsidiar políticas públicas para sua eliminação. Ademais,

profissionais da psicologia atuam diretamente com temas como sexualidade e gênero respaldadas/os pelas diretrizes antipreconceituosas do Conselho Federal de Psicologia (2023). Contudo, estudantes universitárias/os crescem e se desenvolvem em uma sociedade estruturalmente preconceituosa, anterior a entrada na universidade. A formação universitária de futuras/os psicólogas/os devem ensinar competências e habilidades profissionais, bem como contribuir socialmente para diminuir preconceitos (Brasil, 2023). É neste contexto que esta pesquisa se insere com o objetivo de avaliar preconceito sexual e de gênero contra gays e lésbicas em estudantes de psicologia em uma universidade do interior do estado de São Paulo.

2 MÉTODO

Esta é uma pesquisa exploratória e descritiva realizada online por meio de um questionário sociodemográfico e uma escala validada para a população brasileira.

3 PARTICIPANTES E CONDIÇÕES

Participaram 115 estudantes de Psicologia (73 femininas, 39, masculinos e 3 não-binárias, média de 23,3 anos $Dp = 7,0$) de uma universidade privada do interior do estado de São Paulo. Considera-se essa uma amostra não-probabilista por conveniência, recrutada por meio de convites em redes sociais e aplicativos de mensagens. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 48002521.5.0000.5398, nº 4.903.884). As/os participantes responderam voluntariamente ao questionário sociodemográfico e a escala sobre PSG em seus dispositivos pessoais após anuência por meio do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

4 INSTRUMENTO E MATERIAIS

Questionário Sociodemográfico – instrumento composto por 12 perguntas autodeclaráveis referentes aos marcadores sociais das/os participantes como gênero, raça, classe, orientação sexual e religiosidade, com objetivo de identificar a relação entre variáveis sociais e PSG.

Escala Multidimensional de Preconceito Sexual – EMPS (Freires *et al.*, 2019). A EMPS é uma escala traduzida, adaptada e validada para utilização na população brasileira, e tem como objetivo mensurar preconceito contra identidades gays e lésbicas a partir de uma leitura multidimensional do fenômeno. Sua estrutura pentafatorial avalia os fatores: heterossexismo ($\alpha = 0,97$), aversão a homossexuais ($\alpha = 0,94$), crenças positivas frente a homossexuais ($\alpha = 0,89$), resistência à heteronormatividade ($\alpha = 0,91$) e negação da discriminação ($\alpha = 0,49$). As 35 perguntas foram apresentadas em uma escala do tipo *Likert* de cinco pontos, sendo a seleção de 1 é equivalente a “discordo totalmente” e a seleção de 5 é equivalente a “concordo totalmente”.

4.1 Procedimento de coleta de dados

O contato com as/os participantes foi realizado por meio da divulgação do *link* para acesso aos instrumentos em grupos de mensagens de estudantes. Por meio de Google Forms, o convite às/aos participantes era seguido pela disponibilização e consentimento do TCLE. Em seguida, apresentou-se o Questionário Sociodemográfico e a EMPS. As respostas eram automaticamente registradas.

4.2 Procedimento de análise de dados

Somente os dados de participantes que responderam todas as perguntas (i.e., Questionário Sociodemográfico e EMPS) foram incluídos nesta pesquisa. Utilizou-se o software SPSS – *Statistical Package for the Social Science*® para análises estatísticas descritivas e inferenciais dos dados. Os *computes* com valores invertidos da EMPS foram calculados por meio de sintaxe obtida com os autores da escala. A comparação de médias entre grupos foi realizada por meio do teste *t de Student* para média com distribuição normal, e para distribuições não-normais, o teste de *Wilcoxon*. Calculou-se a força das relações por meio dos valores do *d* de Cohen.

5 RESULTADOS

Por tratar-se de uma pesquisa exploratória sobre PSG elaborou-se a Tabela 1 na qual apresenta-se as características sociodemográficas das/os participantes. A caracterização das/os participantes circunscreve as interpretações dos resultados a esta população.

Tabela 1 – Características sociodemográficas dos/as 115 estudantes de psicologia - 2024

Características	N (%)
Idade	23,3 (Dp 7,0)
Gênero	
Feminino	73 (63,5)
Masculino	39 (33,9)
Não-Binário	3 (2,6)
Orientação Sexual	
Heterossexual	62 (53,9)
Bissexual	30 (26,1)
Homossexual	15 (13,0)
Assexual	1 (0,9)
Pansexual	5 (4,3)
Não sabe	2 (1,7)
Raça/Etnia	
Branca	92 (80,0)
Parda	12 (10,4)
Preta	6 (5,2)
Amarela	2 (1,7)
Omissão	3 (2,6)

Características	N (%)
Estado Civil	
Solteiro	97 (84,3)
Casada/União estável	18 (15,6)
Renda	
Não tenho renda pessoal fixa	48 (41,7)
Menor que R\$500,00	6 (5,2)
Entre R\$500,00 e R\$1.000,00	8 (7,0)
Entre R\$1.001 e R\$2.500,00	30 (26,1)
Entre R\$2.501 e R\$5.000,00	13 (11,3)
Maior que R\$ 5.000,00	10 (8,7)
Possui crença religiosa	
Sim	65 (56,5)
Não	50 (43,0)
Praticante de religião	
Não praticam nenhuma religião	39 (33,9)
Católicos	32 (27,8)
Evangélicos Tradicionais ¹	8 (7,0)
Evangélicos Pentecostais	4 (3,5)
Espíritas kardecistas	8 (7,0)
Espíritas umbandistas	8 (7,0)
Budista	1 (0,9)
Outra ²	15 (13,0)
Semestre do Curso	
1 – 5 (início)	96 (83,5)
6 – 10 (final)	19 (16,5)

¹ (Luteranos, Presbiterianos, Batistas, Metodistas e Adventistas).

² (Universal, Assembleia de Deus, Mundial da Graça, Renascer em Cristo, outras).

Fonte: elaborado pelos autores.

Nesta amostra 63,5% das participantes identificaram-se como femininas e 53,9% heterossexuais, sendo 26,1% das/os participantes bissexuais. A amostra foi composta por 80% de pessoas brancas e 15,6% pretas e pardas, conjuntamente. Dentre as pessoas que possuem crenças religiosas (56,6% da amostra) 27,8% são católicas, 14,0% espíritas (umbandistas e kardecistas) e 10,5% evangélicos (tradicionais e pentecostais). Alguns participantes (13,0%) declararam possuir outras práticas religiosas como "amor", "uma mistura de várias religiões". Nesta amostra não se identificaram pessoas autodeclaradas indígenas e candomblecistas.

A Tabela 2 apresenta os resultados da EMPS frente as variáveis sociodemográficas grupais escolhidas para análises (i.e., gênero, orientação sexual, religiosidade, período do curso). Para tanto, agruparam-se as pessoas LGBTQIAPN+ como "não-heterossexuais", calouros como estudantes do 1º ao 5º semestre e veteranos como estudantes do 6º ao 10º semestre. As pessoas não binárias (n = 3) não foram incluídas nas análises de gênero (i.e., feminino e masculino) devido ao baixo número de participantes, tal escolha é discutida na próxima seção. Os fatores heterossexismo e aversão a homossexuais não apresentaram distribuição normal das

médias, desta forma os valores expressos na Tabela 2 referem-se a mediana (Md), uma vez que se calcularam as diferenças estatísticas por meio do teste de *Mann-Whitney*. As diferenças estatisticamente significativas estão marcadas com *.

Tabela 2 - Relação entre os cinco fatores da EMPS e as principais características sociodemográficas das/os participantes

	Heterossexismo	Aversão a homossexuais	Crenças Positivas	Resistência à heteronormatividade	Negação da discriminação
	Md(DP)	Md(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)
Hetero	1,28 (0,88)***	1,00 (0,22)	2,17 (0,86)	2,89 (0,99)	1,63 (0,56)
Não-hétero	1,00 (0,32)	1,00 (0,28)	2,35 (0,93)	3,54 (0,83)*	1,53 (0,48)
Com crença	1,14 (0,88)	1,00 (0,32)	2,25 (0,82)	2,98 (0,99)	1,58 (0,50)
Sem crença	1,00 (0,29)	1,00 (0,12)	2,25 (0,99)	3,39 (0,92)**	1,60 (0,56)
¹ Feminino	1,00 (0,68)	1,00 (0,30)	2,39 (0,98)	3,05 (1,04)	1,66 (0,63)
Masculino	1,14 (0,75)	1,00 (0,10)	2,16 (0,84)	3,21 (0,93)	1,54 (0,46)
1-5 sem	1,00 (0,66)	1,00 (0,27)	2,26 (0,91)	3,14 (0,99)	1,57 (0,52)
6-10 sem	1,14 (0,90)	1,00 (0,13)	2,20 (0,80)	3,23 (0,98)	1,65 (0,57)
Geral	1,39 (0,70)	1,06 (0,25)	2,25 (0,89)	3,16 (0,98)	1,58 (0,53)

* $t = -4,164$, $p < 0,001$ d-Cohen (-0,779).

** $t = -2,246$, $p < 0,05$ d-Cohen (-0,423).

*** $U = 2137,5$, $p < 0,005$ d-Cohen (0,301).

Fonte: elaborada pelos autores.

No fator "aversão a homossexuais" (e.g., questões como "penso que gays são nojentos" e "lésbicas não são mulheres de verdade") apresentam-se as menores médias gerais, o que indica ausência de preconceito explícito contra lésbicas e gays. Participantes heterossexuais apresentaram diferença estatisticamente significativa no fator heterossexismo (Md = 1,28, Dp = 0,88), porém com baixo tamanho de efeito (0,30 correlação ponto biserial de Rank) quando comparadas com participantes não-heterossexuais. Frente ao fator "resistência à heteronormatividade" participantes não-heterossexuais (M = 3,54, Dp = 0,83) e sem crenças religiosas (M = 3,39, Dp = 0,92) apresentaram médias significativamente maiores do que participantes heterossexuais e com crenças religiosas. Neste fator houve tamanho médio de efeito, tanto para não-heterossexuais (d de Cohen = 0,77) quanto para participantes sem crença religiosa (d de Cohen = 0,42). Nas categorias, "gênero" (masculino e feminino) e "período do curso" (calouro ou veterano), não houve diferenças estatisticamente significativas frente aos fatores avaliados pela EMPS.

O fator crenças positivas sobre a homossexualidade não apresentou diferenças estatísticas entre os grupos. Contudo, os escores médios foram de 2,15 (Dp = 0,89). Este resultado merece destaque pois, nesse fator há afirmativas que reificam estereótipos sexuais e de gênero de pessoas lésbicas e gays (e.g., "ser gay pode fazer

um homem mais compassivo”, “ser lésbica pode fazer uma mulher mais autossuficiente”, “homens heterossexuais têm muito o que aprender com os gays sobre moda”). A leitura deste fator como preconceito sutil e não como crenças positivas sobre a homossexualidade é diferente da proposta dos autores da escala e será discutido na próxima seção.

6 DISCUSSÃO

O objetivo deste artigo foi apresentar os resultados de uma avaliação sobre PSG entre estudantes de Psicologia, por meio de uma pesquisa exploratória e descritiva. Os dados foram coletados online por meio de um Questionário Sociodemográfico e da Escala Multidimensional de Preconceito Sexual – EMPS (Freires *et al.*, 2019). Nesta seção os resultados da pesquisa serão discutidos à luz da formação de profissionais de Psicologia a partir das diretrizes do Conselho Federal de Psicologia, do Ministério da Educação e dos estudos sobre preconceito contra pessoas LGBTQIAPN+. Por fim, indica-se desdobramentos aplicados a partir dos resultados obtidos.

Este estudo soma-se à literatura ao indicar que existem variáveis sociodemográficas relacionadas aos maiores escores de PSG. A partir dos resultados observou-se que pessoas heterossexuais e pessoas com crenças religiosas apresentaram maiores índices de PSG. Resultados semelhantes foram observados em outras pesquisas nacionais (Gusmão *et al.*, 2016; Costa *et al.*, 2015; Santos; Santos, 2022) e internacionais (Hernandez *et al.*, 2020; Nieto-Guitierres *et al.*, 2019) com estudantes universitários, embora nenhuma dessas pesquisas tenha sido conduzida especificamente com estudantes de Psicologia.

A cultura ocidental alicerçou-se sobre uma ideologia cisheterossexista e diversas instituições sociais participam da manutenção e transmissão de práticas culturais preconceituosas (Louro, 2018). Embora, formas explícitas e tradicionais de PSG não tenham sido observadas nesta pesquisa, o que representa um avanço social importante, a crença de que a heterossexualidade constitui a norma socialmente esperada permanece presente. Uma vez que o heterossexismo foi maior em pessoas heterossexuais deve-se considerar que a identidade sociogrupal é uma variável importante nos estudos de PSG. Quando dois ou mais grupos são socialmente definidos como distintos e relevantes para a identidade é comum haver um viés endogrupal (i.e. tendência a favorecer o próprio grupo) positivo quando em comparação com um exogrupo (i.e., o grupo contrário com o qual se identifica) (Gaertner; Dovidio, 2009). Este viés pode ser um problema, sobretudo na formação em Psicologia, quando uma pessoa cisheterossexual presta serviços a uma pessoa da comunidade LGBTQIAPN+. Nas pesquisas de Gaspodini e Falcke (2018), Vezzosi *et al.* (2019) e Binkowski (2019) viu-se que existem profissionais da Psicologia engajadas/os em estabelecer suas crenças enviesadas sobre sexualidade e gênero por meio de atitudes corretivas a pessoas LGBTQIAPN+.

Esta reflexão não deve sugerir que pessoas cisheterossexuais sejam incapazes de atender pessoas LGBTQIAPN+ devido aos seus vieses endogrupais. Ao contrário, ao ter consciência dos próprios vieses deve-se incentivar que as/os profissionais busquem formações específicas e mantenham contatos com os movimentos sociais para ampliar seus repertórios profissionais. Estratégias sobre psicoterapias afirmativas têm sido divulgadas na direção de descrever as habilidades e competências que profissionais da Psicologia precisam desenvolver para trabalhar com pessoas LGBTQIAPN+ (Mussi; Malerbi, 2020; Fazzano; Toledo; Gallo, 2022). Esta indicação se soma aos dados desta pesquisa pois, os fatores "aversão a homossexuais" e "negação da discriminação" apresentaram médias próximas de 1,0, o que indica ausência de preconceito explícito e reconhecimento da condição de pessoas LGBTQIAPN+.

O fator "resistência à heteronormatividade" no qual pessoas heterossexuais e com crença religiosa apresentaram baixa resistência exige caracterizar os prováveis contextos sociais nos quais tais participantes se desenvolveram. É notório que após a retirada da homossexualidade dos manuais diagnósticos e do avanço em direitos sociais a população LGBTQIAPN+, as instituições religiosas são as únicas que ainda mantêm veemente combate à existência da diversidade sexual e de gênero. O contexto religioso, sobretudo cristão, tende a valorizar e generalizar estereótipos de gênero e comportamentos heterossexuais como uma norma ética, divina e natural (Prado, Machado, 2012; Borillo, 2016). Resistir ou apresentar qualquer antagonismo a ideologia cisheterossexista pode colocar em oposição outras crenças que legitimam a constituem as pessoas religiosas e heterossexuais. Por outro lado, não questionar os papéis de gênero e a normatividade sexual, favorece o processo de estigmatização e microagressões contra pessoas LGBTQIAPN+ (Nadal *et al.*, 2016).

Outra consideração a ser feita sobre os resultados desta pesquisa refere-se ao modo como os autores da escala original (Massey, 2009) e os autores que validaram a escala para o espanhol (Badenes-Ribera *et al.*, 2016) e para o português (Freires *et al.*, 2019) interpretaram o fator "crenças positivas sobre a homossexualidade". Propõe-se aqui uma análise alternativa sobre os resultados obtidos nesse fator. As crenças aparentemente positivas sobre a homossexualidade podem velar um preconceito mais sutil, uma vez que as sete afirmativas que o compõem reificam comportamentos generificados e estereotipados sobre pessoas lésbicas e gays (e.g., "ser lésbica pode fazer uma mulher mais autossuficiente", "os gays são mais acessíveis emocionalmente do que os homens heterossexuais", "ser gay pode fazer um homem mais compassivo", "as lésbicas têm muito o que ensinar a outras mulheres sobre ser independente"). É compreensível entender que relacionar pessoas lésbicas e gays a adjetivos positivos sobre suas identidades pode ser socialmente importante. Porém, o modo como estas afirmativas foram construídas leva a considerar certo essencialismo sobre a orientação sexual de pessoas lésbicas e gays. Isto é, lésbicas associadas com autossuficiência e independência (características frequentemente associadas a homens) e gays com acessibilidade emocional e compassividade (características frequentemente associadas

a mulheres). Investigações sobre vieses de gênero têm amplamente documentado que o gênero masculino está socialmente relacionado com suficiência e baixa expressividade emocional, diferente de mulheres associadas a dependência afetiva e instabilidade emocional (Kimmel, 2022). Então, confirmar que os aspectos bons de lésbicas e gays seriam as características opostas atribuídas socialmente para o gênero masculino e feminino pode produzir formas sutis de preconceito como condescendência, essencialização dos papéis de gênero e microagressões. Deste modo, sugere-se que em futuras investigações este fator seja revisto, interpretado como uma forma de preconceito sutil.

De acordo com as Diretrizes Nacionais Curriculares para os cursos de Psicologia (Brasil, 2023), considera-se que o ensino seja pautado no respeito e promoção dos Direitos Humanos e no enfrentamento de todas as formas de preconceito. Ademais, o Conselho Federal de Psicologia veta a/ao psicóloga/o utilizar de seus saberes profissionais para implementar práticas preconceituosas contra a diversidade sexual e de gênero (Conselho Federal de Psicologia, 2023). Para isso, é necessária uma densidade maior de disciplinas que discutam temas socialmente sensíveis dentro da matriz curricular.

Em uma perspectiva da educação inclusiva, cujo objetivo foi eliminar o preconceito contra pessoas com deficiência, ou seja, outro tema socialmente sensível, porém, diferente do PSG, uma proposta de intervenção junto à formação inicial de professores foi realizada por Marinho (2016). O autor comparou as atitudes sociais em relação a inclusão de alunos de Pedagogia de uma universidade pública no interior do estado de São Paulo, no início do primeiro ano, com as dos colegas no início do quarto ano e foram observadas diferenças significativas a favor da inclusão pelos alunos veteranos. Discutiu-se que uma variável relacionada às diferenças pode ser o fato de que, nesse período, os estudantes já terem cursado oito disciplinas relacionadas à Educação Especial e a Educação Inclusiva, perfazendo um total de 255 horas-aula. Esse relato demonstra que uma dimensão da ação pode estar no investimento com a formação inicial de novos professores. Defende-se aqui que uma variável crítica em cursos de formação de Psicologia é considerar o investimento em componentes curriculares sobre as formas de enfrentamento ao PSG, que pode variar entre adicionar disciplinas ou adicionar conteúdos específicos dentro de disciplinas. A necessidade de interação entre pesquisa e solução de problemas sociais relevantes é uma questão permanentemente em aberto no caso da formação de psicólogas/os (Souza, 2000).

Ao identificar que atualmente ainda existem profissionais que compactuam com posições preconceituosas (Gaspodini; Falcke, 2018; Vezzosi *et al.*, 2019; Binkowski, 2019) parece necessário revisitar os aspectos formativos para instruir e habilitar as/os futuras/os profissionais. Isto porque, todas/os cidadãs/ões desenvolvem-se em uma sociedade que historicamente apresenta práticas preconceituosas contra a comunidade LGBTQIAPN+ (Quinhalha, 2022).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, esta pesquisa identificou que estudantes de Psicologia heterossexuais apresentam maior heterossexismo, e juntamente com aqueles que relataram crenças religiosas, demonstram menor resistência à heteronormatividade. Considera-se que tais resultados sejam função das identidades grupais e dos contextos sociais nos quais tais estudantes estão inseridas/os. Observar tal fenômeno deve suscitar formas de implementar estratégias formativas que habilitem as/os futuras/os profissionais a identificar seus próprios vieses e buscar formas para dirimi-los. Ademais, a EMPS embora sensível à multidimensionalidade do PSG pode ser revista acerca do fator "crenças positivas sobre a homossexualidade", de modo que se leia como uma forma de preconceito sutil/moderno.

Considera-se que o número de participantes foi adequado para os objetivos desta pesquisa, mas insuficiente para permitir generalizações populacionais. Contribuiu-se com o acréscimo de dados à literatura existente e indica-se novas investigações com mais estudantes. Outra limitação refere-se às comparações entre médias feitas por meio do agrupamento binário entre pessoas LGBTQIAP+ e pessoas cisheterossexuais, esta categorização dicotômica é contrária a uma compreensão mais ecológica e espectral da sexualidade e do gênero, bem como inviabiliza investigar cada conjunto específico (e.g., pessoas não-binárias). Por fim, esta pesquisa utilizou um instrumento que tem como foco o preconceito contra lésbicas e gays, investigações adicionais devem buscar identificar PSG sobre pessoas trans, travesti, bissexuais, assexuais, intersexuais e não-binárias.

Futuras pesquisas podem aferir PSG em profissionais formados em instituições com e sem a presença de componentes curriculares explícitos sobre diversidade sexual e de gênero bem como acompanhar se os vieses preconceituosos se modificam durante os anos universitários. Além disso, fazem-se necessárias pesquisas em universidades públicas e privadas e em diversas regiões do país.

REFERÊNCIAS

APA. American Psychological Association. **Task force on appropriate responses to sexual orientation**. Washington: APA, 2009. Disponível em:

<https://www.apa.org/pi/lgbt/resources/therapeutic-response.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025.

BADENES-RIBERA, L. *et al.* Spanish validation of the polymorphus prejudice scale in a sample of university students. **Journal of Homosexuality**, Londres, v. 63, n. 11, p. 1517-1536, 2016. DOI 10.1080/00918369.2016.1223349. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00918369.2016.1223349>. Acesso em: 14 jun. 2025

BINKOWSKI, G. Fósseis do campo psi: sobre conversão de orientação sexual e de gênero. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 39, n. especial, p. 236-241, 2019. DOI 10.1590/1982-3703003228542 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/yPMZ3v4pLvJQpZH86WXPNYP/?lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2025.

BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES Nº 1, de 11 de outubro de 2023**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. 2023. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2023-pdf/252621-rces001-23/file>. Acesso em: 14 jun. 2025.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Cidadania. **Violência LGBTQFóbicas no Brasil**: dados da violência. Elaboração de Marcos Vinícius Moura Silva. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018. Disponível em: https://prceu.usp.br/wp-content/uploads/2021/04/MDH_violencia_2018.pdf. Acesso em: 14 jun. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal (STF). **Direitos das pessoas LGBTQQIAP+**. Brasília: STF, CNJ, 2022. (Cadernos de Jurisprudência do Supremo Tribunal Federal: concretizando direitos humanos). Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2022/12/cadernos-stf-lgbtqia-3.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CFP. Conselho Federal de Psicologia. **Referências técnicas para atuação de psicólogas, psicólogos e psicólogues em políticas públicas para população LGBTQIA+**. Brasília: CFP, 2023. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-psicologos-e-psicologues-em-politicas-publicas-para-populacao-lgbtqia/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

CFP. Conselho Federal de Psicologia. **Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs**. Brasília: CFP, 2019.

CORRELL, J. *et al.* Measuring prejudice, stereotypes and discrimination. *In*: DOVIDIO, J. F. *et al.* (ed.). **The SAGE handbook of prejudice, stereotyping and discrimination**. Londres: SAGE Publications, 2010. p. 45-62.

COSTA, A. B.; NARDI, H. C. Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, SP, v. 23, n. 3, p. 715-726, 2015. DOI 10.9788/TP2015.3-15. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300015. Acesso em: 14 jun. 2025.

COSTA, A. B. *et al.* Homophobia or sexism? A systematic review of prejudice Against nonheterosexual orientation in Brazil. **Int. J. Psychol**, Nova Jersey, v. 48, n. 5, p. 900-909, 2013. DOI 10.1080/00207594.2012.729839. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1080/00207594.2012.729839>. Acesso em: 14 jun. 2025.

COSTA, A. B. *et al.* Prejudice toward gender and sexual diversity in Brazilian public university: prevalence, awareness, and the effects of education. **Sex res Soc Policy**, Alemanha, v. 12, p. 261-272, 2015. DOI 10.1007/s13178-015-0191-z. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s13178-015-0191-z>. Acesso em: 14 jun. 2025.

CRAVO, F. A. M.; VERDARAMIS, P. B. Caracterização dos estudos sobre preconceito sexual e de gênero no Brasil. *Psicologia Argumento*. **Psicologia Argumento**, Paraná, v. 41, n. 114, p. 3702-3728, 2023. DOI 10.7213/psicolargum.41.114.AO14. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/30372>. Acesso em: 14 jun. 2025.

FAZZANO, L. H.; TOLEDO, B. F.; GALLO, A. E. Uma interpretação comportamental sobre LGBTfobia reproduzida no contexto psicoterapêutico. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, São Paulo, v. 1, ed. especial., p. 183-196, 2022. DOI 10.18761/DH10410.ago21. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/869>. Acesso em: 14 jun. 2025.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FREIRES, L. A. *et al.* Escala multidimensional de preconceito sexual: propriedades psicométricas para o contexto brasileiro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 39, n. 3, p. 222-235, 2019. DOI 10.1590/1982-3703003228490. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/YggqMjFVnx8KvQwDVHGdG8S/?lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2025.

GAERTNER, S. L.; DOVIDIO, J. F. A common ingroup identity: a categorization-based approach for reducing intergroup bias. *In*: NELSON, T. D. (ed.). **Handbook of prejudice, stereotyping and discrimination**. New York: Psychological Press, 2009, p. 489-502.

GASPODINI, I. B.; FALCKE, D. Estudos psicológicos brasileiros sobre preconceito contra diversidade sexual e de gênero. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 10, n. 2, p. 59-79, 2019. DOI 10.5433/2236-6407.2019v10n2p59. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/30479>. Acesso em: 14 jun. 2025.

GASPODINI, I. B.; FALCKE, D. Relações entre preconceito e crenças sobre diversidade sexual e de gênero em psicólogos/as brasileiros/as. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 38, n. 4, p. 744-757, 2018. DOI 10.1590/1982-3703001752017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/FDMQDKmPt6zHm9RVRdYS35w/?lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2025.

GUSMÃO, E. E. *et al.* Valores humanos e atitudes homofóbicas flagrantes e sutil. **Psico-UFS**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 367-380, 2016. DOI 10.1590/1413-82712016210213. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/MwmWsdfdShTjWHVZbq34bfp/?lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2025.

HEREK, G. M. The psychology of sexual prejudice. **Current Directions in Psychological Science**, Washington, v. 9, n. 1, p. 19-22, 2000. DOI 10.1111/1467-8721.00051. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/1467-8721.00051>. Acesso em: 14 jun. 2025.

HEREK, G. M.; McLEMORE, K. A. Sexual prejudice. **Annual Rev. Psychology**, Estados Unidos, v. 64, p. 309-333, 2013. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev-psych-113011-143826>. Acesso em: 14 jun. 2025.

HERNÁNDEZ, F. J. *et al.* Relación entre actitud hacia la homosexualidad y características personales de estudiantes universitarios de enfermeira. **Revista Cubana de Enfermería**, Cuba, v. 36, n. 3, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://revenfermeria.sld.cu/index.php/enf/article/view/3298>. Acesso em: 14 jun. 2025.

KIMMEL, M. **A sociedade de gênero**. Petrópolis: vozes, 2022.

LOURO, G. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo horizonte: Autêntica, 2018.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARINHO, C. C. **Concepções de estudantes de pedagogia sobre educação inclusiva e educação especial e suas atitudes sociais em relação a inclusão**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2016.

MASSEY, S. G. Polymorphous prejudice: liberating the measurement of heterosexuals' attitudes toward lesbians and gay men. **Journal of Homosexuality**, Estados Unidos, v. 56, p. 147-172, 2009. DOI 10.1080/00918360802623131. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00918360802623131>. Acesso em: 14 jun. 2025.

MUSSI, S. V.; MALERBI, F. E. Revisão de estudos que empregaram intervenções afirmativas para pessoas LGBTQI+ sob uma perspectiva analítico-comportamental.

RBTC - Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, Rio Verde, GO, v. 22, p. 1-19, 2020. DOI 10.31505/rbtcc.v22i1.1438. Disponível em: <https://rbtcc.com.br/RBTC/article/view/1438>. Acesso em: 14 jun. 2025.

MYERS, D. G. **Psicologia social**. Porto Alegre: AMGH Editora, 2014.

NADAL, K. L. *et al.* Microagressions toward lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, and genderqueer people: a review of literature. **The Journal of Sexual Research**, London, v. 53, n. 4-5, p. 488-508, 2016. DOI 10.1080/00224499.2016.1142495. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00224499.2016.1142495>. Acesso em: 14 jun. 2025.

NIETO-GUTIERREZ, W. *et al.* Factores asociados a la homofobia em estudiantes de medicina de once universidades peruanas. **Revista Colombiana de Psiquiatría**, Colombia, v. 48, n. 4, p. 208-214, 2019. DOI 10.1016/j.rcpeng.2018.01.003. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2530312019300475?via%3Dihub>. Acesso em: 14 jun. 2025.

OLSON, M. A. Measures of prejudice. *In*: NELSON, T. (org.). **Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination**. New York: Psychology Press, 2009. p. 367-381.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2012.

QUINALHA, R. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

ROSA, E. B. P. Cisheteronormatividade como instituição total. **Cadernos PET-filosofia**, Curitiba, v. 18, p. 53-103, 2020. DOI: 10.5380/petfilo.v18i2.68171. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/view/68171> Acesso em: 14 jun. 2025.

SANTOS, J. J.; SANTOS, E. C. Prejudice against sexual and gender diversity and beliefs about sex education among university students. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 39, p. 391-412, 2022. DOI 10.1590/1982-0275202239e200017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/6YyPq8f9MT6k8QTTmR4qxJd/?lang=en>. Acesso em: 14 jun. 2025.

SAXE, F. **Disidencias sexuales: um sistema geoplanetario de distúrbios sexo-subversivos-anales-contra-vitales**. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2021.

SOUZA, D. G. de. O conceito de contingência: um enfoque histórico. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, SP, v. 8, n. 2, p. 125-136, 2000. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2000000200002&script=sci_abstract. Acesso em: 14 jun. 2025.

VEZZOSI, J. I. P. *et al.* Crenças e atitudes corretivas de profissionais de psicologia sobre a homossexualidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 39, edição especial, p 174-193, 2019. DOI 10.1590/1982-3703003228539. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/nnSsGPNfcPSkBb69ks7H7fM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2025.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Felipe Augusto Monteiro Cravo - Participação ativa como pesquisador responsável, coleta e análise de dados, escrita de relatório de pesquisa.

Ana Claudia Moreira Almeida-Verdu - Participação ativa como orientadora do pesquisador, revisão e escrita do artigo.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o artigo "Avaliação de preconceito sexual e de gênero em estudantes de psicologia".

DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados que embasam este estudo podem ser solicitados ao(à) autor(a), mediante justificativa, em razão de restrições de caráter ético, de segurança e/ou financeiras.

Revisado por:

Felipe Augusto Monteiro Cravo
E-mail: felipeamcravo@gmail.com